

A *Gazeta de Notícias* e sua “oitava coluna”

DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA*

A *Gazeta de Notícias* começou a circular no Rio de Janeiro no dia 2 de agosto de 1875. Antes disso, no entanto, em seu prospecto, reservava o espaço do folhetim para a divulgação de um “Programa”. Começava-o definindo aquele ato como uma tolice praticada por todo jornal recém-fundado. Afinal de contas, não havia como prever o futuro, e afirmar que uma redação conhecia todas as “necessidades”, “desejos” e “esquisitices” dos leitores. Por outro lado, na primeira coluna daquela mesma folha, havia a informação de que todos os dias teriam um “romance-folhetim” e um “folhetim de atualidades”. Isso ocorreu até meados de outubro de 1882, quando a *Gazeta* reformulou algumas de suas colunas. Isso fez com que o rodapé do jornal ficasse reservado apenas para os romances. As crônicas de domingo passaram a ocupar a primeira coluna e alguns textos literários e políticos foram transferidos para as duas últimas colunas, não raras vezes alcançando a página seguinte. A primeira página da *Gazeta de Notícias* ganhava assim nova cara.

Essa modificação na organização da folha introduzia definitivamente em seu corpo o caráter literário. Isso porque os contos, crônicas e outras discussões que envolviam o encaminhamento da literatura no país deixaram de pertencer ao espaço do folhetim. Entre os nomes que foram levados para essa denominada “oitava coluna”, estavam Ramalho Ortigão, que àquela época assinava as suas “Cartas Portuguesas”, Valentim Magalhães com os seus contos, Mariano Pina, responsável pela “Vida Parisiense” e pelo “Correio da França”, e Machado de Assis que iniciava a publicação da primeira versão dos contos que formariam sua quarta coletânea, ou seja, as *Histórias sem data*. Além desses nomes mais recorrentes, ainda apareceram outros mais esporádicos e ainda aqueles que contribuíram apenas uma única vez. Este texto tem como principal objetivo analisar as participações de Machado de Assis e de Valentim Magalhães, especialmente por terem sido os escritores nacionais com maior regularidade nos dois anos iniciais daquela coluna.

* Professora do Instituto de História, da Universidade Federal de Uberlândia.

O primeiro convite para Machado de Assis participar do corpo de colaboradores da *Gazeta de Notícias* aconteceu logo no segundo ano de existência desse jornal¹. No entanto, por causa de outros compromissos assumidos, o literato não pode aceitar mais essa empreitada, dedicando-se ao *Jornal das Famílias* e à *Ilustração Brasileira*. Sua estreia ocorreu apenas em 18 de dezembro de 1881, ainda no espaço de folhetim, por meio da publicação do conto “Teoria do medalhão”. Depois disso, Machado retornaria à folha para publicar a segunda versão de “Uma visita de Alcibíades”, “O segredo de Bonzo”, “O anel de Polícrates”, “O empréstimo”, “A sereníssima República”, “O espelho” e “Verba testamentária”. Todos esses contos passaram por uma revisão de seu autor e compuseram os *Papéis avulsos*. Além disso, com exceção de “O espelho” que foi reservado ao jornal da sexta-feira, todos apareceram no domingo, dia em que a *Gazeta de Notícias* tinha uma maior tiragem, demonstrando o prestígio do colaborador. Depois disso, em fevereiro de 1883 e já ocupando as três últimas colunas da primeira página, veio à luz o seu “A igreja do diabo – História sem data”. Também naquele ano de 1883, Machado passou a fazer parte do grupo de narradores das “Balas de Estalo”, série de crônicas publicadas naquele mesmo jornal².

A associação do nome de Machado de Assis à *Gazeta de Notícias* provavelmente serviu como fermento para a elaboração de seus *Papéis avulsos*, coletânea de contos publicada em 1882, e também para as *Histórias sem data*, de 1884³. Essa folha representava a possibilidade de ter um número de leitores bastante elevado e diversificado. Experiência ímpar, se comparada àquela que havia adquirido nos periódicos de moda e literatura, conforme o *Jornal das Famílias* e *A Estação*. Não podemos, no entanto, deixar de considerar a importância oferecida por esse literato para tais revistas, dedicadas ao público feminino, ainda mais porque, enquanto participava da *Gazeta*, Machado continuou pertencendo ao grupo de colaboradores de *A Estação*.

¹ MAGALHÃES JUNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. V. 2. P. 198. Elogios à obra de Machado já apareciam naquele jornal desde a publicação de *Americanas*, em “Crônica bibliográfica”, de Ferreira de Araújo, quando contava apenas com cinco meses de existência. P. 172.

² Sobre essa série e a participação de Machado de Assis nela, ver RAMOS, Ana Flávia Cernic. *Política e humor nos últimos anos da monarquia*. Dissertação de mestrado em História: IFCH-Unicamp, 2005.

³ Sobre a organização dos *Papéis avulsos* e das *Histórias sem data*, conferir SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

Uma das estratégias utilizadas por Machado de Assis logo que começou a colaborar para a *Gazeta de Notícias* foi a de adaptar os seus contos aquele suporte. Ou seja, precisava ter em vista as principais temáticas abordadas tanto pelo jornal como um todo, como por aqueles seus companheiros que assinavam para a coluna a qual pertenciam. Ao lado disso, ainda considerava o perfil e as expectativas de seu público leitor. Isso continuou valendo, quando teve suas histórias transferidas para o corpo do jornal. Nesse sentido, uma das principais questões abordadas por Machado de Assis referia-se às querelas em torno da ciência. “A igreja do Diabo – História sem data”, “Papéis velhos”, “A ideia do Ezequiel Maia”, “O lapso” e “Conto alexandrino” foram contos publicados entre 17 de fevereiro e 13 de maio de 1883. Nesse curto período, por mais de uma vez, Machado colocou em pauta alguma questão em torno da ciência, mesmo quando esta não aparecia no centro da história. Vejamos como aconteceu em cada conto.

Foi a partir da escrita de “A igreja do Diabo – História sem data” que Machado de Assis iniciou a composição dos contos que formaram a coletânea *Histórias sem data*. Talvez já houvesse naquele momento a intenção de iniciar o novo livro, partido dessa história em especial. O mote do conto girava em torno da decisão tomada pelo Diabo de fundar uma igreja. Resolução que causou estranhamento em Deus, porque tomada tardiamente. Para tanto, as explicações oferecidas pelo Diabo apareciam encapadas por muita retórica. Iniciando seus trabalhos na terra, tratou de desmentir as histórias contadas sobre ele pelas beatas e excitar o entusiasmo popular. Vale a pena chamar atenção aqui para a abordagem oferecida por Machado de Assis: sua intenção era a de mostrar como os usos da retórica poderiam servir para encobrir e legitimar as decisões mais descabidas.

O conto seguinte, “Papéis velhos”, permaneceu “esquecido”, por seu autor, até figurar na coletânea *Páginas recolhidas*, de 1899. Nessa narrativa, Machado colocava em pauta as decepções amorosas e políticas do deputado Brotero. Em determinado momento, no entanto, inicia a discussão de problema bastante apreciado, ou seja, a utilidade dos narizes. Assim refletia Brotero:

Imaginei um soldado a quem uma bala levasse o nariz, e que, acabada a batalha, fosse procurar no campo o desgraçado apêndice. Suponhamos que o acha entre um grupo de braços e pernas; pega dele, levanta-o entre os

dedos, - mira-o, examina-o, é o seu próprio... Mas é um nariz ou um cadáver de nariz? Se o dono lhe puser diante os mais finos perfumes da Arábia, receberá em si mesmo a sensação do aroma? Não: esse cadáver de nariz nunca mais lhe transmitirá nenhum cheiro bom ou mau; pode levá-lo para casa, preservá-lo, embalsamá-lo; é o mesmo. A própria ação de assoar o nariz, embora ele a veja e compreenda nos outros, nunca mais há de podê-la compreender em si, não chegará a reconhecer que efeito lhe causava o contato da ponta do nariz com o lenço. Racionalmente, sabe o que é; sensorialmente, não saberá mais nada⁴.

Antes de tudo, é necessário observar como essa questão aparece mesclada a outras, a primeira vista, mais importantes. Por outro lado, Machado parecia interessar-se profundamente sobre a utilidade oferecida por seus contemporâneos aos narizes. Isso o fez retornar a temática em “A ideia do Ezequiel Maia”, conto publicado dezesseis dias depois, no mesmo espaço utilizado anteriormente. Essa narrativa, ao contrário do destino oferecido àquelas outras também publicadas nas páginas da *Gazeta de Notícias*, acabou sendo desprezada por Machado, que não a inseriu em qualquer coletânea. Assim como Brotero, Ezequiel Maia era mais um personagem excêntrico criado com o intuito de questionar alguns praticantes daquelas ciências mais duras, como por exemplo, “as matemáticas”. De acordo com aquilo que acreditava o personagem, os corpos não existem, tudo não passava de “uma ilusão do espírito, necessária aos fins práticos da vida, mas despida da menor parcela de realidade”. O personagem parecia querer questionar justamente a realidade, mas, embora fosse considerado um grande nome entre outros cientistas, aqueles que conviviam com ele acreditavam que o amigo havia perdido o juízo. Depois de tentar comprovar, sem sucesso, sobre a ilusão da comida e a irrealidade de belas mulheres, Ezequiel Maia descobriu e passou a exercitar mais uma teoria sobre os narizes:

Consistia em fincar os olhos na extremidade do nariz, à maneira do faquir, embotando a sensibilidade ao ponto de perder toda a consciência do mundo exterior. Cairia então o véu ilusório das cousas; entrar-se-ia no mundo exclusivo dos espíritos. Dito e feito. Ezequiel metia-se em casa, sentava-se na poltrona, com as mãos espalmadas nos joelhos, e os olhos na ponta do nariz.

⁴ Machado de Assis. *Gazeta de Notícias*. 14 de março de 1883.

Pela afirmação dele, a abstração operava-se em vinte minutos, e poderia fazer-se mais cedo, se ele não tivesse o nariz tão extenso. A inconveniência de um nariz comprido é que o olhar, desde que transpusesse uma certa linha, exercia mais facilmente a miserável função ilusória. Vinte minutos, porém, era o prazo razoável de uma boa abstração.

Outro conto que também tinha a problemática dos narizes em seu centro havia sido publicado quase um ano antes, ainda quando os escritos de Machado pertenciam ao folhetim da *Gazeta*. “Um capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto” ou “O segredo do Bonzo”, título escolhido para o mesmo conto, quando figurou nos *Papéis avulsos*, debatia essa mesma questão relacionada à realidade. Nesse caso, foi o médico Diogo Meireles que propôs uma interessante solução para uma doença que acometia boa parte da população. O principal sintoma de tal enfermidade consistia em deformar os narizes daqueles que haviam sido contagiados. Diogo Meireles fez com que se reunissem vários cientistas e revelou a cura:

Diogo Meireles, que desde algum tempo praticava a medicina, segundo ficou dito atrás, estudou a moléstia e reconheceu que não havia perigo em desnarigar os doentes, antes era vantajoso por lhes levar o mal, sem trazer fealdade, pois tanto valia um nariz disforme e pesado como nenhum; não alcançou, todavia, persuadir os infelizes ao sacrifício. Então ocorreu-lhe uma graciosa invenção. Assim foi que, reunindo muitos físicos, filósofos, bonzos, autoridades e povo, comunicou-lhes que tinha um segredo para eliminar o órgão; e esse segredo era nada menos que substituir o nariz achacado por um nariz são, mas de pura natureza metafísica, isto é, inacessível aos sentidos humanos, e contudo tão verdadeiro ou ainda mais do que o cortado; cura esta praticada por ele em várias partes, e muito aceita aos físicos de Malabar⁵.

Conforme observou Sidney Chalhoub, o conto dos *Papéis avulsos* possui como temática principal a “ciência racial do século XIX”⁶. Nesse sentido, vale a pena observar as coincidências encontradas na construção de todos esses protagonistas. Os três defendem a inexistência da realidade e usam os narizes para comprovar a tese, são

⁵ Machado de Assis. *Gazeta de Notícias*. 30 de abril de 1882.

⁶ CHALHOUB, S *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. P. 128.

homens brancos e recebem respaldo entre seus pares. Essa parece ter sido uma questão que chamava bastante atenção de Machado de Assis, o qual procurou inseri-la em diferentes histórias num curto período de tempo. Além disso, ainda é indício de que, com a transferência dos folhetinistas para o interior do jornal, seus escritos continuaram seguindo a mesma linha outrora adotada. O estudo de Jefferson Cano, sobre Justiniano José da Rocha, mostra como chegou o folhetim no Brasil⁷. Aquele espaço, em seus primeiros anos, cumpria a função de divertir e civilizar. Para isso, mesclava questões políticas e literárias. Os folhetinistas da *Gazeta de Notícias*, anos depois, usavam a literatura para falar de política e ciência. Os leitores já estavam acostumados com aquele espaço no final da primeira página. Sabiam que ali encontrariam informações – presentes também no corpo do jornal – escritas de modo mais leve e divertido. Muitos jornais usaram esse recurso como chamariz na conquista do público leitor⁸. A *Gazeta* levou essa característica também para o seu corpo.

Em “O lapso” e “Conto alexandrino”, Machado de Assis continuou pautando as questões científicas, em especial, algumas novas experiências que ofereciam legitimidade aos médicos e “sábios” e que poderiam comprometer o futuro da sociedade. As questões abordadas nesses contos estavam presentes também debaixo da pena de outros escritores da *Gazeta de Notícias* e de outros literatos que contribuíram para a formação dessa nova coluna. Esse foi o caso de Valentim Magalhães, colaborador da *Gazeta*, que atuava em diferentes colunas, como nas séries de crônicas “Balas de estalo” e “Notas à margem”, assinando com o seu próprio nome, suas iniciais e também com os pseudônimos José do Egipto e Marcos Valente. Assim como Machado

⁷ CANO, Jefferson. “Justiniano José da Rocha, cronista do desengano”. In: CHALHOUB, S., NEVES, M. de S., PEREIRA, L. A. de M. *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. Sobre o folhetim na França e sua chegada no Brasil, ver também MEYER, M. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁸ No início de 1876, a *Gazeta de Notícias* começou a publicar *O regresso de Rocambole* como forma de atrair mais leitores. Essa estratégia continuou sendo usada ao longo dos anos, de modo que, quando um romance terminava, o outro era anunciado com grandes apelos. No dia 13 de janeiro de 1884, o romance intitulado *A brasileira*, de Mathey, recebeu o seguinte anúncio: “Novo folhetim – O romance que começaremos a publicar amanhã, baseia-se no grande mal que flagela este país, e que todos os bons corações e todos os espíritos justos se esforçam por combater: - a escravidão. É uma história terrível e real, Do desfecho dela muita gente teve conhecimento em Paris, e, quando o livro foi publicado, não faltou quem pronunciasse os nomes dos verdadeiros personagens; mas o que se ignorava, e que só o livro revelou, eram os detalhes, era o prólogo da tremenda tragédia. Os nossos leitores verão como é profundamente verdadeira e profundamente dramática a narração que vamos publicar. A imaginação do mais fecundo romancista não pode criar fantasias tais. Só a verdade é assim horripilante”.

de Assis, Valentim Magalhães escrevia contos para o folhetim do jornal e ajudou na formação da “oitava coluna”.

As estratégias de Valentim Magalhães para abordar algumas das questões preferidas de Machado de Assis eram um pouco diferentes. Valentim Magalhães foi muito mais direto e recorreu a outros recursos literários. Enquanto Machado construiu histórias ficcionais, Valentim falava diretamente aos “moços”. Nesse sentido, em “O mal dos moços”, o articulista chamava atenção dos jovens que entram precocemente na política, seguindo as mesmas opções de suas famílias, sem qualquer tipo de pensamento crítico. Junto a isso deixava alguns conselhos:

Na qualidade de moços, - pois que mocidade quer dizer: força, sinceridade, entusiasmo – devem ser fortes, sinceros, entusiásticos; desprezar o que é baixo e vil, aspirar ao que é verdadeiro, ao que é puro, ao que é belo. Devem fazer versos ao ideal, à justiça, ao luar, ao que lhes der na veneta e devem fazer troça ao preconceito, aos déspotas, aos tolos... Devem cantar a Marselhesa e não o terço; andar sempre para adiante, alegremente, ruidosamente, e não aos recuos, para a traseira do século, de olhos no chão, mudos, tímidos, tremendo; ler Comte e Victor Hugo, os sábios e os poetas, e não o Apóstolo ou as Horas Marianas; dar pontapés no erro e na rotina, despir a hipocrisia em praça pública e, depois de nua, prender-lhe guizos ao pescoço e entregá-la aos garotos; amar a pátria, a liberdade, o porvir...

A tentativa de fazer com que a denominada “nova geração” prestasse mais atenção em leituras tão recorrentes à época já havia aparecido sob a pena de Machado de Assis, em texto assinado para a *Revista Brasileira*⁹. Isso é indício de como essa temática preocupava diferentes homens de letras que carregava um objetivo em comum: ajudar na formação da intelectualidade da jovem nação. Nesse artigo, Valentim Magalhães preocupava-se com os jovens, pois os considerava o futuro, aqueles que, em breve, tomariam parte nas principais decisões políticas do país. Sendo assim, antes de se filiar a qualquer ideia preconcebida, seguindo apenas os ditames familiares, os “moços” precisariam ler determinados autores e participar da formação da literatura brasileira. Mesmo porque, segundo o autor em questão, personalidades como José de Alencar e

⁹ Machado de Assis. “A nova geração”. *Revista Brasileira*. Dezembro de 1879.

Joaquim Manuel de Macedo, por exemplo, seriam lembrados no futuro, por causa das suas produções literárias e não devido a suas ações na política.

A formação dos jovens brasileiros voltaria a entrar em pauta, sob a pena de Valentim Magalhães, quando o estudante de Direito, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, ao dissertar sobre o ponto “liberdade religiosa”, recebeu dos docentes a seguinte nota: “NADA DISSE sobre o ponto, sendo intolerante e inconveniente na sustentação de suas idéias”. O articulista da *Gazeta de Notícias* recorria a “oitava coluna”, a fim de contestar a respeito do ocorrido. Para tanto, em dois artigos intitulados “A liberdade de pensamento no Brasil”, Valentim Magalhães levantava a argumentação do estudante, demonstrando que a reprovação de Lacerda Werneck não poderia ser compreendida por causa da não argumentação em torno da temática proposta. Na verdade, o que ocorrera foi a não aceitação das ideias positivas, defendidas na prova. Valentim Magalhães afirmava, desse modo, que não defendia as ideias positivas, mas a liberdade de expressão, em suma, a liberdade de pensamento.

Mas a colaboração de Valentim Magalhães naquele espaço não foi marcada apenas pelas discussões em torno das novidades científicas e da sua forma de assimilação. Outra temática que interessava bastante ao articulista e que ajudou a definir aquele espaço do jornal dizia respeito à atuação política de alguns governantes seus contemporâneos. O ingrediente a mais aqui ficava por conta do humor. Quando por mais uma vez a política imperial passava por um rearranjo na organização de seus ministérios, Valentim Magalhães publicou na “oitava coluna”, da *Gazeta de Notícias*, o conto “A solução da crise (na roça)”. Este foi escrito sob o formato de diálogo, de modo que, depois do nome de cada personagem, aparecia sua opção política. Assim, vemos alguns senhores discutindo sobre o futuro do país e, ao mesmo tempo, a tentativa, da parte do autor, de deixar claro que pouca diferença havia entre quem se definia conservador, liberal e até mesmo republicano. Mesmo porque essas escolhas eram geralmente pautadas por favores ou benefícios recebidos. Isso tudo recheado por muito bom humor.

Poucos meses depois, Valentim Magalhães retomaria a mesma temática e ao formato de diálogo com o conto intitulado “A política – vista através dos criados”. Agora era a vez de Quirino e Bonifácio demonstrarem o quanto conheciam a respeito da política. Para isso, recorriam ao mesmo vocabulário e expressões empregadas por seus

senhores. Sem falar nos momentos em que assumiam as próprias ideias deles. Assim discutiam sobre aquilo que aparecia publicado na imprensa:

Bonifácio – Pois tu ainda lês as folhas, Quirino? Deixa-te disso. São todas uma súcia... O que eles todos querem, os tais jornalistas, é bola. Falam porque tem a boca vazia. Bem diz meu amo: - imprensa barata. É o que é.

Quirino (amarfalhando o diário, muito insultado) – E o diabo a dar-lhe! Ora já se viu tamanho canalha! Bem dizes tu... Cambada! (afoga a indignação no grog).

Bonifácio – Mas o que diz, em suma, esse papelucho, que tanto te escamas...

Quirino – Ora, a balela de todo o dia. Que meu amo foi republicano, que pediu a cabeça do Pedro... de escabeche, em discursos e jornais, e hoje é seu primeiro ministro... Asneiras! Republicano, republicano; é com o que lhe dão. Ora que sarnas! E que fosse; o que tem lá isto?... Então um homem há de ser tolo toda a vida? Também eu, em pequeno, gostava muito de brincar de burro com os outros meninos e gritava, reclamando os meus direitos: - Eu sou burro, sou burro! E no entanto, sou hoje um cocheiro... Sou por isso merecedor de censuras? Mudei de opinião, é certo, mas...

Com inserções desse naipe, Valentim Magalhães oferecia um tom extremamente ácido para a sua colaboração naquela coluna, em especial, quando abordava questões que envolviam os acontecimentos políticos recentes. Ao mesmo tempo, oferecia leitura diferenciada e mais atrativa daquilo que aparecia em outras colunas estritamente voltadas para debater as falas dos deputados, por exemplo. Com isso, talvez, conseguisse prender mais a atenção dos leitores. Conforme viemos acompanhando, a “oitava coluna” estava aberta para a discussão de várias questões. A sua marca ou diferencial relacionava-se à linguagem utilizada. Assim, Machado de Assis e Valentim Magalhães ajudaram a conferir àquele jornal um novo jeito de tratar velhas questões. Os recursos literários não serviam apenas para a composição do romance-folhetim, mas também para falar de ciência, política e tantas outras questões, tornando-as mais agradáveis aos olhos dos leitores.

Tradicionalmente, o folhetim é considerado como um espaço de maior acessibilidade às mulheres. Poderíamos, no entanto, afirmar que esses autores tinham em vista esse público leitor? Além disso, ainda devemos considerar que Machado de Assis, àquela época, possuía certo traquejo na escrita de histórias às “gentis leitoras”.

Afinal de contas, havia somado longos anos de trabalho em redações de revistas de moda e literatura. Por outro lado, os textos publicados na “oitava coluna” indicam que deveriam ser lidos por um público bastante diversificado. Aliás, isso pode nos ajudar a compreender até mesmo a sua criação. Era um espaço dedicado a quem se interessava por literatura europeia e nacional, mas também por política e outras questões consideradas urgentes pela intelectualidade, como a abolição, por exemplo, sem excluir as próprias mulheres. Estas receberam um artigo especial, assinado por H. G. e intitulado “A mulher em casa”, que as orientam em como seria possível driblar os desejos e imposições masculinas. Assim, o jornal definia sua estrutura e organização física, atribuía funções aos seus redatores e ainda angariava um número maior de leitores e leitoras.